

**A propósito de *Para uma filosofia do ato* (Bakhtin)
e a pesquisa científica nas Ciências Humanas /
*At the proposal of the Toward a Philosophy of the
Act (Bakhtin) and the Scientific Research in Human
Sciences***

Maria Cristina Hennes Sampaio*

RESUMO

Este ensaio tem por objetivo discutir alguns conceitos do arcabouço teórico da arquitetônica, construída por Bakhtin, na obra *Para uma filosofia do ato*, e levantar questões teóricas e metodológicas pertinentes para uma ação dialógica como ato responsável de abordagem do ser-evento em pesquisa nas Ciências Humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; ato; evento; pesquisa; ciências humanas

ABSTRACT

This essay aims to discuss some concepts of Bakhtin's work Toward a Philosophy of the Act and to pose some theoretic and methodological questions concerning a dialogic action as a responsible act of approaching the being-event in research in Human Sciences.

KEY-WORDS: *Philosophy; Act; Research; Human sciences*

* Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; mchennes@hotmail.com.br

Este ensaio tem por objetivo discutir alguns conceitos do arcabouço teórico da arquitetônica, construída por Bakhtin, na obra *Para uma filosofia do ato*, e levantar questões teóricas e metodológicas pertinentes para uma ação dialógica como ato responsável de abordagem do ser-evento em pesquisa nas Ciências Humanas.

Retomando a ideia de Husserl (apud PAIVA, 2005) sobre a questão da consciência projetada no ser, Bakhtin vai desenvolver o conceito *evento do ser*, postulando que ele (o ser) está presente em uma “consciência viva como um evento [em processo]”, “em processo de real devir”, da mesma forma que “uma consciência viva orienta-se e vive nele como em um evento [em processo]” (BAKHTIN, 1990, p. 78, 188). Em relação ao “evento único do ser” interessa a Bakhtin (1997) compreender, de uma posição singular e única, que ocupamos na existência, as consequências de tais eventos.

Tal perspectiva permite-nos olhar para o mundo dos atos humanos em sua individualidade, unicidade e diversidade, como que através de um caleidoscópio e, assim fazendo, escapar da avassaladora totalidade generalizante engendrada pelo mundo da cognição teórica.

Bakhtin (1993; 1997) considera o pensamento, com seu conteúdo – tanto na perspectiva semântica como de uma consciência histórica singular, como um *ato ético responsável* que revela como nos movemos e orientamos em relação ao mundo. O autor (BAJTIN, 1997) chama a atenção para o fato de que, no aspecto semântico, ou seja, do pensamento, com juízo de validade universal, é irrelevante “o autor, o tempo, as condições e a unidade moral de sua vida”, posto que tal juízo relaciona-se à unidade teórica que lhe é correspondente, sendo o seu lugar, nesta unidade, que vai determinar sua importância.

O ato ético responsável, que Bakhtin interpõe à forma de pensamento universalizante, é fundamentado na seguinte pergunta: “Como posso, pois, enquanto ser pensante e responsável pelo ato de meu raciocínio, encontrar a mim mesmo num juízo de validez universal?” Um ato ético responsável, por conseguinte, só pode resultar de um *pensamento participativo*¹, ou seja, engajado, compromissado, interessado: um pensamento não indiferente (BAKHTIN, 1993). Não é

1 – Refere-se a “uma concepção emocional e volitiva do ser enquanto acontecer em sua unicidade concreta [...] trata-se de um pensamento performativo, no sentido de remeter ao eu enquanto ator singularmente responsável pelo ato” (BAJTIN, 1997, p. 52).

possível qualquer orientação prática sobre a vida no mundo teórico, uma vez que não pertencemos a esse mundo e, por conseguinte, não é possível viver ou agir nele responsabilmente.

Reafirma, nesse sentido, que nossa atividade individual e responsável é impenetrável pelo juízo teoricamente válido em qualquer estágio de suas categorizações teóricas (BAJTIN, 1997a, p. 16-19). Ela só pode ser desvelada “através das categorias de uma comunicação real” (ato ético), de uma “vivência participativa” originada na “singularidade concreta do mundo.” Ou seja, “toda a razão teórica não é senão um momento da razão prática que vem da orientação moral de um sujeito no acontecimento singular do ser”. Um ser que se concretiza através de mim e dos outros (BAJTIN, 1997a, p. 20).

Por conseguinte, o caminho a ser trilhado, para se chegar ao conteúdo-sentido, é a do ato executado no ser e não em sua transcrição teórica. Isso não significa que o mundo, sob o aspecto do conteúdo do pensamento científico, seja um mundo separado: ele pode ser incorporado no evento único e unitário do Ser, numa ação real, através da intermediação de uma consciência responsável (BAJTIN, 1997a, p. 20).

Sobre a pretensão da ciência, de instituir um pensamento teórico universalmente válido, Bakhtin também não deixa de se posicionar. Para tanto estabelece um paralelo entre o dever ser (vontade), que fundamenta um dado juízo em minha consciência, na perspectiva histórica de um ato individual, e o juízo teórico, de caráter técnico, o qual é insuficiente para validar, em si mesmo, a verdade, visto que não alcança o seu valor moral. Este só pode ser alcançado através de um ato responsável, originado no interior de um sujeito e não através de uma definição teórico-cognitiva de verdade. O dever ser, conclui o autor, “é uma categoria peculiar de proceder no que diz respeito ao ato (pensamento e sentimento); é uma orientação da consciência cuja estrutura temos de desvelar fenomenologicamente” (BAJTIN, 1997a, p. 10-12).

Assim, na concepção filosófica bakhtiniana, tanto o pensamento teórico discursivo como a descrição-exposição histórica e a intuição estética “estabelecem uma cisão entre o conteúdo ou sentido de um dado *ato* (atividade) e a realidade histórica de sua existência” (como uma vivência experimentada na realidade uma única vez).

A consequência disso, como tentamos demonstrar, é a perda da capacidade de tal ato ser valorado e a perda da unidade de seu devir e autodeterminação (BAJTIN, 1997a, p. 7). Assim, “quando retiramos um juízo da unidade do ato ético histórico e real, em sua realização,

e o transferimos para uma unidade teórica, não há como sair de seu conteúdo semântico e entrar no *dever ser* e no *evento único e real*” (BAJTIN, 1997a, p. 14). Isso porque seu conteúdo cognitivo passa a ser governado e desenvolvido por suas próprias leis imanentes e, no momento em que nós entramos nesse conteúdo, através de um ato de abstração, também seremos controlados por estas leis e já não estaremos mais presentes nele como seres humanos, em nossa individualidade e responsabilidade ativa (BAJTIN, 1997a).

Ora, o problema, para BAJTIN (1997a), é que o mundo abstrato e autárquico, construído pela cognição teórica, não opera apenas nos limites de certas disciplinas, como a lógica, a teoria da cognição, a biologia filosófica. Ao contrário, pretende fazer-se passar como o mundo em sua totalidade possível. Tal procedimento também já fora questionado na fenomenologia que procurava conciliar aquilo que experimentamos com aquilo que supomos saber teoricamente. O que Bakhtin (1993; 1997) está propondo é um paradigma filosófico moral de interpretação da realidade de atos responsáveis por sujeitos responsáveis. Isso fica claro quando ele reconhece que uma filosofia do ser-evento unitário e único, tanto em relação ao seu conteúdo-sentido como de um produto objetivado, não pode ser abstraída do ato-ação real, único e de seu autor – aquele que está pensando teoricamente, contemplando esteticamente e agindo eticamente.² Ou seja, “uma filosofia primeira só pode orientar-se em relação a esse ato realmente executado” o que, em termos práticos, significa dizer que é este “mundo concreto do ato realizado”, seus “momentos básicos concretos de construção” que ela “tem de descrever”. E que mundo é esse? “É um mundo no qual o ato ou a ação realmente se desenvolve” [...], “mundo que é visto, ouvido, tocado e pensado (...)”. Mundo em torno do qual estão dispostos todos os valores da vida e da cultura (científicos, estéticos, políticos – incluindo os éticos e sociais e religiosos. E esse momentos básicos, esclarece o autor, são constituídos na dimensão da alteridade que se estabelece na relação de “um eu-para-

2 – O sujeito que toma decisões éticas o faz em sua vida concreta. A forma e o conteúdo dessas decisões não são fundadas numa moralidade transcendente (O Círculo refuta a ideia de decisões morais que independam do processo concreto dessa decisão e do caráter situado do sujeito.).

-mim,³ o outro-para-mim e o eu-para-o-outro”, em torno dos quais estão organizados todos os valores espaço-temporais e de conteúdo (BAKHTIN, 1993, p. 28, 55 e 58). O *eu* existe no *Ser* como um *eu para si*: “eu existo nele” e participo ativamente dele. Enquanto a minha unicidade é dada, ela ao mesmo tempo “existe apenas na medida em que é atualizada por mim”. E isso acontece “sempre no ato, na ação realizada” que ainda “está por ser alcançada. E aí reside o ato/ação responsável que é “realizado sob a base de reconhecimento da minha obrigatória (dever-ser) unicidade” [...] porque para “ser na vida” [...] é preciso “agir”, não ser indiferente em relação ao todo único (BAKHTIN, 1993, p. 42-43).

Assim, todo o *ato executado*, do ponto de vista de seu *desempenho*, orienta-se dentro do ser unitário e único da vida. Ele vê, de dentro, um contexto unitário e único ao qual ele se refere, tanto em relação ao conteúdo-sentido quanto a sua factualidade. E a partir daí “tenta atualizar responsabilmente a verdade” (do fato e do sentido em sua unidade concreta). E, para isso, é preciso levar em conta tanto a validade de sentido como sua realização numa dimensão concreta e individual. E, assim procedendo, ele supera toda a hipótese porque ele representa o resultado de uma conclusão final definitiva a ser alcançada (BAKHTIN, 1993, p. 28).

Esse direcionamento ético e estético, conferido por Bakhtin (1993), a um projeto arquitetônico de uma filosofia primeira, suscita indagações conceituais e metodológicas importantes para a pesquisa científica nas Ciências Humanas, de uma maneira geral, e especialmente para todos os cientistas da linguagem comprometidos com o pensamento participativo e os atos realizados.

Caberia perguntar, primeiramente, qual a relação existente entre o mundo experimentado pela ação, referido por Bakhtin (1993), e o mundo representado pelo discurso. Para o autor (BAKHTIN, 1993, p. 31 e 32) a *linguagem* historicamente sempre esteve a serviço do *pensamento participativo e dos atos realizados*. Sendo assim, tanto a expressão do pensamento participativo (performativo) como do ato responsável *requerem a plenitude da palavra*, tanto em seus aspectos de

3 – O eu-para-mim é o centro a partir do qual é produzido o ato realizado e a autoatividade de afirmar e reconhecer valores no Ser único (BAKHTIN, 1997, p. 61).

conteúdo (conceito), emocional volitivo (entonação – atitude valorativa sobre a palavra) como palpável-expressivo (imagem) (BAKHTIN, 1993, p. 28-9, 31-2 e 87). Ao afirmar que uma “palavra viva, completa, não conhece um objeto como algo totalmente dado”, Bakhtin (1993, p. 33) quer dizer que, pelo simples fato de ser pronunciada, ela já recebe uma entonação que expressa nossa atitude valorativa em relação ao objeto, daquilo que ainda está para ser determinado nele, fazendo dele “um momento constituinte do evento vivo em processo”.

Isso significa que o valor do conteúdo constituído por meio da cognição abstrata é diferente de um conteúdo produzido pela experiência vivida: o primeiro corresponderia a um valor dado, presumido, e o segundo ao valor afirmado por aquele que pensa de uma maneira emocional-volitiva. Trata-se de um pensamento que age, que entona, circunscrevendo todo o conteúdo-sentido no *ato executado*, relacionando-o ao ser-evento único. E, assim procedendo, procura expressar a verdade de um todo, de um dado momento, em sua unicidade irrepetível (BAKHTIN, 1993, p. 34 e 38).

Como muito bem pontua Michael Holquist (1993), no prefácio da edição americana *Toward a Philosophy of the Act*, “estamos aqui no coração da matéria, no centro do diálogo entre o ser e a linguagem, o mundo e a mente, o ‘dado’ e o ‘criado’ que estarão no âmago do dialogismo distintivo de Bakhtin, como ele mais tarde o desenvolverá”, pois “ser significa se comunicar, ser para um outro e, pelo outro, ser para si mesmo”, conforme podemos observar em diversas passagens de suas obras:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa (BAKHTIN, 2002, p. 88).

Eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro por encontrar um outro em mim (BAKHTIN, 1963, p. 297).

O “super-homem” existe – mas não no sentido nietzschiano de ente superior; sou o super-homem do outro, como ele o é de mim: minha posição exterior (minha “exotopia”) me dá o privilégio de vê-lo como um todo. Ao mesmo tempo, não posso agir como se os outros não existissem: saber que o outro pode ver-me determina radicalmente a minha condição (BAKHTIN, 1997b, p. 17).

Considerando que a expressão do pensamento participativo como ato responsável é materializado na *palavra*, o que equivale dizer, no texto e no discurso, uma segunda pergunta seria como abordar o ser-evento na perspectiva de uma ação dialógica como um ato responsável? Ora, sabemos que o dialogismo, enquanto pressuposto conceitual-analítico, pressupõe o estabelecimento de relações de sentido. E o que é o mundo do conteúdo-sentido para Bakhtin? É um mundo no qual não há espaço para o Ser como algo determinado, válido em si mesmo, como uma verdade fundadora de um “começo” do sentido. Ao contrário, é um mundo que não oferece um “começo”, um princípio de escolha do sentido: “apenas a infinidade da avaliação e absoluta inquietação são possíveis” na perspectiva do “reconhecimento de minha participação única no Ser” (BAKHTIN, 1993, p. 44). Uma ação dialógica como ato responsável – resultante de minha autoatividade de *dever-ser* – deve orientar-se para um conteúdo-sentido que só pode ser desvelado no ser-evento e através do reconhecimento de minha participação única no Ser.

A pergunta seguinte é que aspectos devem ser considerados numa abordagem de ação dialógica do ser-evento?

Novamente é o próprio Bakhtin (1993) que sinaliza, em suas formulações acerca do agir dialógico, que a ação não é individual e é sempre vista em relação de contraste com outros atos de outros sujeitos, envolvendo vários aspectos: (a) psíquicos, de uma identidade relativamente fixada, absorvida de um “outro” no mundo concreto, (b) sociais e históricos do ser-no-mundo do sujeito, além de (c) uma avaliação responsável que é feita por um sujeito que age com base na sua formação identitária e pelo efeito coercitivo de suas relações sociais. Se nos dois primeiros aspectos existe uma prevalência daquilo que é repetível, o último é marcado pela irrepetibilidade, pois cada ato é único enquanto processo, embora possa compartilhar elementos comuns em termos de conteúdo com outros atos (SOBRAL, 2005, p. 107).

Com relação ao último aspecto mencionado, de uma avaliação responsável, encontraremos seu refinamento conceitual no conjun-

to de outras obras do Círculo – *O discurso na Vida e o Discurso na Arte, Marxismo e Filosofia Linguagem, Estética da Criação Verbal e Questões de Literatura e Estética* – por meio das noções de *avaliação social, ento(n)ação e acento apreciativo*.

Até aqui, logramos reunir argumentos que sinalizem para a nossa responsabilidade moral (ética), sob o aspecto de sujeitos-pesquisadores, analistas do discurso, em relação à impossibilidade de forjarmos um alibi no ser, ou seja, de nos isentarmos da responsabilidade pela execução dos atos, das ações da vida.

A seguir, faremos algumas considerações de ordem prática acerca das implicações da aplicação de uma abordagem filosófica moral de uma ação e abordagem dialógica dos atos humanos executados, expressos no trabalho da memória (SAMPAIO e col., 2006; 2007a, b; 2008).

Procuraremos demonstrar como este ato/ação responsável, referido por Bakhtin (1993), pode ser exemplificado através da ação operada pela memória-trabalho⁴ dos idosos de Sairé,⁵ conforme descrito por Sampaio (2007) no estudo “Memória e envelhecimento”, desencadeada pela entrevista narrativa que aciona a memória desses idosos, convocando-os a agir, a criar um discurso a partir das perguntas provocadas. O modo, pois, pelo qual se dá a construção do sentido é a forma *narrativa*, como um *ato responsável e responsável* de construir e disputar sentidos na unicidade do ser-evento. Em nenhum momento o texto narrativo está dissociado das próprias condições sociais do indivíduo ou é indicativo de uma verdade que é dada a priori sobre o real. Ao contrário, da posição única que o idoso ocupa no ser-evento da memória de sua vida, ele significa de maneira única e irrepetível, enunciando a partir de dois planos de determinação valorativa do mundo – de um eu para mim, enquanto ser humano, ocupando um lugar único na existência, e de um eu para o outro, ou outros (enquanto velho) no ser-evento, conforme podemos observar na narrativa de A.Q.S., um idoso de 67 anos:

4 – “A memória-trabalho é um processo de escolha e de labor em contraposição as emersões das marcas mnemônicas que dificilmente podem ser ocultadas tais como: as condições de vida, as relações familiares, os desejos pessoais. Ao mesmo tempo, ela traz da margem os contextos nos quais o indivíduo tece seu discurso” (Vale Neto e col. 2006, 9).

5 – Cidade localizada na região agreste do estado de Pernambuco.

P: O que é saúde para o senhor?

— É não sentir dor, é ter paz de sossego e ter sossego de espírito. São essas coisas mais que vai trazer a saúde, né? Quer dizer, não tendo sossego de espírito num tem saúde, pode ter o que tiver, não tem saúde. Olhe, a saúde é como eu acabei de falar: sossego de espírito, é trabalhar, é ter amor pela família, é conviver com os vizinhos sem ter diferença com ninguém (...)

P: Como é sua saúde?

— A minha saúde, eu posso falar que é, num é péssima, nem é rim demais porque Jesus consente. Agora eu sou um homi muito sofredor, muito, muito, muito, desde criança. Eu vim andar com quatro ano de idade, minha mãe falava. [...] Nasci em 39, ainda em 40 tive as maleita. Aí depois de quatro ano foi que eu andei, quando deu idade de nove pra dez, doze ano aleijei dessa perna, com reumático, sou aleijado até agora, sou aleijado. Quando é depois lá vem o pobrema de coluna, lá vem o pobrema de rins, eu tenho uma inflamação perigosa nos rins.[...] É uma dor que eu tenho, contínua dentro da minha cabeça, tudo quanto eu faço eu tô sentindo uma dor daqui, da derradeira junta, pra qui, pra essa barroca no olho, contínua, contínua, de dia à noite, de dia à noite, de dia à noite, de dia à noite. Que num tem mais pra onde eu ir, só se eu abrisse as portas do céu e entrar pra ir me valer de Jesus Cristo. Eu me valho daqui da terra mesmo que nós num tem vencimento de chegar lá, me valho daqui, pronto. (...)

O que é acentuado, na entonação valorativa do discurso narrativo desse idoso, quando perguntado o que é saúde, são valores existenciais, éticos e afetivos, como a paz de espírito, o trabalho, o amor, a equidade nas relações humanas, valores que são colocados acima de sua própria experiência existencial única, de um ser humano que só conheceu o sofrimento desde a infância, o que é agravado pela precarização de sua saúde na velhice. Fato que é relativizado pelo reconhecimento de que há uma instância superior à condição humana, Jesus Cristo, cuja providência divina permite que suas dores sejam suportáveis: “minha saúde [...] num é péssima, nem é rim demais porque Jesus consente”.

No discurso-narrativo seguinte o pesquisador pergunta se alguma coisa mudou do tempo que era jovem:

P: Mudou alguma coisa do tempo que era jovem?

— E como mudou! E mudô muito, [...] da água pro vinho. Porque, pra começo, há dez ou doze anos atrás, ou mais, uns quinze ano ou vinte atrás, três hora da manhã eu já tava no batente, como se diz, pronto pra trabalhar, pra cortar capim, criava uns bichinho... E quando é hoje eu tô me levantano cinco e meia, seis hora a pulso, agarrado pelas parede. Saio, eu digo à mulher: “hoje eu num ando”, mas vou [...] e volto, espaireço, tomo um pequeno, tal, tomo um remédio e assim continuo a luta... Só mudou de eu querer fazer e num poder.

Para Bakhtin (1993, p. 43), é a unicidade do Ser que possibilita que o idoso, do seu lugar único no Ser, “veja e conheça um outro” (o jovem que habita nele pela memória), que “não o esqueça”, que esse outro também exista para ele. Esta ação produtiva, que só pode ser produzida por ele, é que constitui o momento do dever no qual assumimos a responsabilidade pela nossa unicidade: “o mais alto princípio arquitetônico do mundo real do ato realizado ou ação é a contração concreta e arquitetonicamente válida ou operativa entre o eu e o outro” (1993, p. 47).

Isso não significa que o envelhecimento, sob o aspecto de unidade de significado do mundo da cognição ou da cultura, portanto, um objeto idêntico em seu conteúdo, não ocupe um momento do Ser e seja valorado diferentemente quando correlacionado com o eu (idoso) e com o outro (jovem), os quais estão impregnados de tons emocional-volitivos⁶ completamente diferentes. “Isso não quebra a unidade de significado do mundo”: ao contrário, “o eleva ao nível de um evento único” (BAKHTIN, 1993, p. 76): “mudou de eu querer fazer” – como fazia no tempo que era jovem, e “não poder fazer” – no tempo presente como velho. E o que mudou? Na literatura científica sobre o tema são relatadas múltiplas mudanças, como a perda progressiva da capacidade funcional, entendida como “habilidades físicas e mentais necessárias e

6 – “O termo ‘tom emocional-volitivo’ é usado para designar precisamente o momento constituído pela minha autoatividade numa experiência vivida – a experimentação de uma experiência como minha: eu penso – realizo uma ação por pensamento”[...] (BAKHTIN, 1993, p. 37).

suficientes para a manutenção de uma vida independente e autônoma para o desempenho das atividades de vida diária” (VIEIRA, 1996).

Nos resultados quantiquantitativos dos dados (discursos), encontrados por Sampaio (2007), foram descritos dados semelhantes aos encontrados na Literatura. Portanto, nesse caso, os sentidos produzidos operam no nível da repetição. Não obstante, a ação dialógica e o dialogismo inerente à produção enunciativo-discursiva, propiciada pela memória-trabalho, oportunizou a disputa de sentidos diversos, operando no nível do irrepetível, o que só é possível ser desvelado no confronto de um eu-para-mim, de um eu-para-o-outro e de um outro-para-mim. Esse outro para mim é a posição exotópica ocupada pelo próprio analista-observador o qual, nesse caso, também ocupa um lugar único no ser-evento dos atos executados na vida, ou seja, do exato momento da ação narrativa desse idoso. Para seu A.Q.S., por exemplo, aconteceram mudanças em sua capacidade funcional, narradas pela memória do outro (o jovem) e confrontadas pela memória do eu (idoso):

— (...) véspera de festa, ou festa de São João, ou festa de Natal, ou fim de ano, pra eu ficar em casa? Não! Eu ia andar. Ia andar, tomava minhas cachaça com todo respeito, sem prejudicar ninguém, tomava minhas cachaça e vinha embora pra casa... Hoje em dia só vivo aqui... (A.Q.S., 67 anos)

Tais mudanças, as quais já foram incorporadas pelo discurso do conhecimento científico, não operam, necessariamente, como força coercitiva, obrigando-o, de seu lugar único que ocupa na existência, a se submeter a ele, a reproduzi-lo. Seu A.Q.S., a despeito do discurso avassalador do conhecimento científico, resiste à inexorável ação do tempo sobre seu corpo cansado e alquebrado, que carrega a doença, o sofrimento, a perda da capacidade funcional, e ainda consegue resignificar, do seu lugar único que ocupa na existência, o sentido do valor do trabalho e formas de ressignificá-lo:

— Olhe, trabalho é tanta coisa... O trabalho, olhe, ele come com muita coisa. Come com a preocupação com o destino da pessoa, com a assistência, o modo de viver, até passar o dia a dia é um trabalho que o camarada tem com ele. Tudo quanto eu for fazer tô trabalhando. Ainda trabalho. Como eu acabei de falar ainda agora, e o homi num só trabalha se for com o cabo de enxada, não. Vocês num tão

trabalhando? Tão trabalhando... E eu tenho esse senso de responsabilidade, eu gosto de trabalhar. (A.Q.S., 67 anos)

A disputa de sentidos e a ação de significar, possibilitada pelo dispositivo dialógico, é infinita na esfera dos atos executados na vida, e pode ser confrontada, por exemplo, com o produto da atividade estética, embora, como sugere Bakhtin (1993, p. 1), não corresponda, em termos de sentido, ao “ser real em processo de devir”, uma vez que ele “apenas entra em comunhão com o Ser através de um ato histórico de efetiva intuição estética”. Isso significa dizer que suas imagens são objetivadas e situadas do lado de fora do Ser, do qual participam apenas “como um momento constituinte da consciência viva e vivente de um contemplador”.

É o caso da imagem do sertanejo, tal como expressa por Euclides da Cunha no seu livro *Os sertões*, quando confrontada com as imagens de seu A.Q.S., o velho sertanejo de Sairé. Podemos tanto reconhecer elementos da totalidade do ser “sertanejo”, resumida pelo enunciado “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”, como transitar por uma zona de sentidos desconhecida, só acessível pela eventicidade única do ser em sua unicidade, produzindo sentidos que nos permitem descrever suas qualidades: trabalhador, sábio, resistente, perseverante, engraçado...!

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. [...] A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengoçado, torto. [...] o andar sem firmeza, sem aprumo, [...] aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida num manifestar de displicência que lhe dá um caráter e humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra.[...] É homem permanentemente fatigado. Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo, na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude. Entretanto, toda esta aparência de cansaço, ilude. Nada é mais surpreendente do que vê-lo desaparecer de improviso. Naquela operação combalida operam-se, em segundos, transmutações complexas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-

lhe o desencadear das energias adormidas (Cunha, 2003, p.105-106).

— Sou um homi que num tem preguiça, eu me julgo até de lhe dizer assim, eu num tenho preguiça, eu num sei o que é preguiça, porque, pra começo, eu não gosto de preguiçoso. Que se o preguiçoso pede uma coisa a mim, eu dou uma vez, duas, três eu num quero dar mais, que o cara não se habilita. [...] Olhe, tenho esse terrenozinho aqui, é pequeno, é um hectare de terra, tá todo coberto de serviço, a minha mão não tem um calo, eu já tive muito, já trabalhei muito, hoje em dia sou empranco, num posso trabalhar, porque primeiro eu tenho uma veia amarrada aqui, eu não posso pegar um peso além de cinco quilo, não posso pegar, e eu pego, mas sou proibido.[...] Mas eu tenho um defeito comigo que eu não sei tá “ô, fulano! Vai fazer... Vai buscar... Vai trazer... Vai levar...” Eu mesmo vou. E o homi num só trabalha se for com um cabo de uma enxada não, vocês num tão trabalhando? Tão trabalhando... (A.Q.S., 67 anos)

— Quando amanhece o dia, eu limpo um pé de pranta, cato um maracujá maduro, se tiver no roçado, arranco um pé de mato, arranjo uma corda de macaxeira, qualquer uma coisa eu faço. (A.Q.S., 67 anos)

— O divertimento mais que eu gosto na minha vida eu tô perdendo, que é ter o prazer de trabalhar, é meu esporte. [...] Então eu armo uma rede aculá, eu uma e a véia outra, e a gente faz conforme a música: “a rede comeu foi fogo com nós dois”. É meu lazer, é trabalhar, cuidar das coisas quando posso, quando não, é tá na minha rede véia. (A.Q.S., 67 anos)

Para finalizar, cabe-nos perguntar qual a produtividade do dispositivo da memória-trabalho no âmbito de uma ação dialógica de abordagem do ser-evento. Ela provoca uma alteridade radical entre o eu e o outro no ato responsável da ação dialógica – resultante da autoatividade de *dever-ser* – orientando para um conteúdo-sentido que só pode ser desvelado no ser-evento e através do reconhecimento de nossa participação única no Ser.

A atividade da memória-trabalho constitui um vasto campo de experimentação para colocar em prática uma abordagem filosófica moral e dialógica dos atos/ações de linguagem de seres humanos

laboriosos, que participam dos atos humanos da vida dentro de seus próprios limites e possibilidades.

Como sugere Maristella França:

[...] o objetivo primeiro do linguista é ocupar um lugar de interlocutor ativo na esfera da comunidade dialógica de pesquisa (...) No lugar de visar à constituição de um corpus visa a participar no desenvolvimento da história do sujeito no trabalho e, com ele, propor textos (2004, p. 129).

Palavras às quais eu acrescento minha avaliação responsiva: não seria este ato ético responsável, de um pensamento participativo, engajado, compromissado, interessado, ao qual se refere Bakhtin, um pensamento não indiferente, uma forma de retorno à essência do ser, restituindo-lhe a sua humanidade?

REFERÊNCIAS

- BAJTIN, M. *Hacia una filosofia del acto ético*. De los boradores y otros escritos. Puerto Rico: Anthropos, 1997a.
- _____. *Para uma filosofia do ato*. Trad. da ed. Americana *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993.
- _____. *Problems of Dostoevsky's Poetics*. Translated by C. Emerson. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.
- _____. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997b.
- _____. *Art and Answerability*. Austin: University of Texas Press, 1990.
- CUNHA, E. *Os sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Ática, 2003. p. 105-106 [Ed. crítica Walnice N. Galvão].
- FRANÇA, Maristella. No princípio dialógico da linguagem, o reencontro do Homo loquens com o ser humano industrializado. In: Figueiredo, Marcelo, Athayde, Milton, Brito, Jussara e Alvarez, Denise (Org.). *Labirintos do trabalho*. Interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004. p.115-121.
- KANT, Emanuel. *Critique de la raison pure*. Paris: PUF, 1950.
- PAIVA, Rita. *Subjetividade e imagem*. São Paulo: Humanitas, 2005.
- PONZIO, Augusto. Para uma filosofia da ação responsável. In: *Hacia una filosofia del acto ético*. De los boradores y otros escritos. Puerto Rico: Anthropos, 1997. p. 225-246.

SAMPAIO, Maria Cristina Hennes; BARRETO, Kátia Magdala Lima; VALE NETO, João Pereira; FRANCO DE SÁ, Ronice Maria; ZAPPAROLI, Zilda Maria; PORTO, Ludmila Mota de Figueiredo; AGUIAR, Keyla Rodrigues; SILVA, Ana Paula Ribeiro da. Cidades Saudáveis: uma proposta humanística de promoção da saúde do idoso no município de Sairé, Pernambuco. Relatório Técnico Final CNPq. Recife, 2007a.

SAMPAIO, Maria Cristina Hennes; BARRETO, Kátia Magdala Lima; VALE NETO, João Pereira; PORTO, Ludmila Mota de Figueiredo; AGUIAR, Keyla Rodrigues; SILVA, Ana Paula Ribeiro da. Memória e envelhecimento. Comunicação trabalho completo. II Jornada do Grupo de Pesquisa/CNPq linguagem, Identidade e Memória, Fundação Santo André, SP: 2007b.

SAMPAIO, Maria Cristina Hennes; BARRETO, Kátia Magdala Lima; FRANCO DE SÁ, Ronice Maria; ZAPPAROLI, Zilda Maria; SILVA, Ana Paula Ribeiro da; CABRAL, Igor Frederick Ferreira da Silva; VALE NETO, João Pereira; AGUIAR, Keyla Rodrigues; SANTOS, Maria Cecília Vasconcelos. Linguagem e envelhecimento: diálogo entre linguistas e gerontólogos e aplicações em ações integradas de pesquisa e intervenção em saúde. Trabalho completo. Anais do 14º. Congresso Brasileiro de Ergonomia, Curitiba. 2006. (Em Cd-Rom.)

SILVA, Raquel Lasalvia Correia da; SAMPAIO, Maria Cristina Hennes; BARRETO, Kátia Magdala Lima. Envelhecimento e informação na Área da Saúde: um estudo sobre a compreensão responsiva dos idosos de Sairé às informações transmitidas pelo Agente Comunitário de Saúde (ACS). Relatório Técnico Final CNPq/Propesq. Recife, 2008.

SOBRAL, Adail. Ético e estético. Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: Brait, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

VIEIRA, Eliane Brandão. *Manual de gerontologia*. Um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

Recebido em 17/03/2009

Aprovado em 04/09/2009